

CARACTERÍSTICAS DO AMOR

Falemos de amor, mas comecemos por não falar de «amores». Os «amores» são histórias mais ou menos acidentadas que acontecem entre homens e mulheres. Nelas intervêm inúmeros factores que complicam e confundem o seu processo a tal ponto que, na maior parte dos casos, há nos «amores» de tudo menos daquilo a que em rigor podemos chamar amor. É de grande interesse uma análise psicológica dos «amores», com a sua pitoresca caustística, mas não iríamos longe se antes não determinássemos o que é genuinamente o amor. Reduzir o estudo do amor àquilo que sentem, uns pelos outros, homens e mulheres, seria, além do mais, empobrecer o tema. O tema é muito mais vasto. Com efeito, Dante acreditava que o amor move o sol e as outras estrelas.

Sem chegar a esta projecção astronómica do erotismo, será oportuno que consideremos o fenómeno do amor na sua generalidade. Não só o homem ama a mulher e a mulher o homem, como também se ama a arte ou a ciência, a mãe ama o filho e o homem religioso ama Deus. A enorme variedade e disparidade destes objectos do amor exige de nós prudência para que não consideremos como essenciais ao amor atributos e qualidades que procedem antes dos diferentes objectos que podem ser amados.

Há dois séculos que se fala muito de amores e pouco do amor. Todas as épocas, desde os tempos áureos da Grécia, tiveram a

sua grande teoria dos sentimentos, só os dois últimos séculos se viram privados dela. O mundo antigo orientou-se primeiro, pela teoria de Platão, depois, pela doutrina estóica. A Idade Média assimilou a doutrina de São Tomás e a dos árabes; o século XVII estudou com fervor a teoria das paixões de Descartes e Espinosa. Não houve filósofo maior do passado que não se julgasse obrigado a elaborar a sua teoria. Nós, em contrapartida, não possuímos nenhum ensaio, em grande estilo, de sistematização dos sentimentos. Só muito recentemente os trabalhos de Pfänder e de Scheler voltaram a suscitar o tema. E, entretanto, a nossa alma foi-se tornando cada vez mais complexa e a nossa percepção mais apurada.

As velhas teorias da afectividade deixaram assim de nos serem aplicáveis. A ideia que São Tomás, resumindo a tradição grega, nos dá do amor é, evidentemente, errada. Para ele, amor e ódio são duas formas do desejo, do apetite ou do concupiscível. O amor é o desejo de qualquer coisa de bom enquanto bom — *concupiscibile circa bonum* —; o ódio, um desejo negativo, uma rejeição do mal enquanto tal — *concupiscibile circa malum*. Manifesta-se aqui a confusão entre os apetites ou desejos e os sentimentos, de que padeceu todo o passado da psicologia até ao século XVIII, confusão que voltamos a encontrar no Renascimento, embora transposta para a ordem estética. Assim, Lorenzo, o Magnífico diz que *l'amore è un appetito di bellezza*.

Esta é, no entanto, uma das distinções mais importantes a ter em conta para evitar que se nos escape por entre os dedos o que há de particular, de essencial no amor. Não há nada de tão fecundo na nossa vida íntima como o sentimento amoroso; de tal forma que se tornou o símbolo da fertilidade. Do amor nascem, pois, no indivíduo, muitas coisas: desejos, pensamentos, volições, actos; mas tudo isto que nasce do amor como o fruto da semente, não é o amor em si mesmo; pressupõe, antes, a sua existência. É evidente que, em certo sentido e de alguma forma, também desejamos aquilo que amamos; mas, em contrapartida,

desejamos manifestamente muitas coisas que não amamos, que nos deixam indiferentes no plano sentimental. Desejar um bom vinho não é amá-lo; o morfinómano deseja a droga ao mesmo tempo que a odeia pelos seus efeitos nocivos.

Existe, porém, outra razão mais precisa e delicada para distinguir amor e desejo. Desejar uma coisa é, em definitivo, tender para a sua posse; e possuir significa então, de uma forma ou de outra, que o objecto entra na nossa órbita e passa de algum modo a fazer parte de nós. Por esta razão, o desejo morre automaticamente quando se realiza, fenece ao satisfazer-se. O amor, pelo contrário, é um eterno insatisfeito. O desejo tem um carácter passivo e, em rigor, aquilo que desejo quando desejo, é que o objecto venha até mim. Sou o centro de gravitação onde espero que as coisas venham a cair. No amor, pelo contrário, tudo é actividade, como veremos. Em vez de esperar que o objecto venha até mim, sou eu que vou até ao objecto e me torno parte dele. No acto amoroso saímos de nós próprios: talvez seja a tentativa por excelência de que a Natureza dispõe para que cada um saia de si em direcção a outra coisa. Não é o objecto que é atraído por mim, sou eu que gravito na sua direcção.

Santo Agostinho, um dos homens que mais profundamente pensaram sobre o amor, talvez o temperamento mais intensamente erótico que alguma vez existiu, consegue às vezes libertar-se desta interpretação que faz do amor um desejo ou um apetite. Assim, diz com lírica efusão: *Amor meus, pondus meum; illo feror, quocumque feror*. «O meu amor é o meu peso; por ele vou aonde quer que vá.» Amor é gravitação em direcção ao amado.

Espinosa tentou rectificar este erro e, furtando-se aos apetites, procura no sentimento de amor e de ódio uma base emotiva; na sua opinião, o amor seria a alegria unida ao conhecimento do seu agente. Amar alguma coisa ou alguém seria simplesmente estar alegre e ter, ao mesmo tempo, consciência de que a alegria nos vem dessa coisa ou desse alguém. Mais uma vez se confun-

de o amor com as suas possíveis consequências. Quem duvida de que o amante seja fonte de alegria para o amado? Mas não é menos certo que o amor é às vezes triste como a morte, um tormento soberano e mortal. Mais ainda: o verdadeiro amor reconhece-se e, por assim dizer, mede-se e avalia-se na dor e sofrimento de que é capaz. A mulher apaixonada prefere as angústias que o homem amado lhe causa à indiferença indolor. Nas cartas de Mariana Alcoforado, a freira portuguesa, lêem-se frases como estas, dirigidas ao seu infiel sedutor: «Agradeço-vos do fundo do coração o desespero que me causais, e detesto a tranquilidade em que vivia antes de vos conhecer.» «Vejo claramente qual seria o remédio de todos os meus males, e livrar-me-ia deles se vos deixasse de amar. Mas, que remédio!, não; prefiro sofrer a esquecer-me de vós. Ai! E depende isso de mim? Não posso censurar-me ter desejado um só instante deixar de vos amar, e afinal sois mais digno de compaixão do que eu, e mais vale sofrer tudo o que sofro do que gozar os lânguidos prazeres que vos dão as vossas amantes de França.» A primeira carta termina assim: «Adeus; amai-me sempre e fazei-me sofrer ainda maiores males.» E dois séculos mais tarde, Mademoiselle de Lespinasse: «Amo-vos como se deve amar: com desespero.»

Espinosa não viu bem as coisas: amar não é alegria. Aquele que ama a pátria talvez morra por ela, e o mártir sucumbe ao amor. E vice-versa, há ódios que se alimentam a si próprios, que se embriagam jucundamente com o mal que sucede ao odiado.

Posto que estas ilustres definições não nos satisfazem, o melhor será tentar descrever o acto amoroso em si mesmo, classificando-o, como faz o entomólogo com um insecto capturado no coração do bosque. Espero que os meus leitores amem ou tenham amado alguma coisa ou alguém, e possam agora prender o seu sentimento pelas asas translúcidas e fixá-lo sob o olhar interior. Começarei por enumerar as características mais gerais e abstractas dessa abelha fremente que sabe de mel e pi-

cadás. Os leitores julgarão se a minha análise se ajusta ou não àquilo que vêem dentro de si.

Pelo modo de começar, o amor parece-se, seguramente, com o desejo, porque é excitado pelo seu objecto — pessoa ou coisa. A alma sente-se agitada, delicadamente ferida num ponto determinado por um estímulo que lhe chega do objecto. Este estímulo tem, pois, uma direcção centrípeta: vem do objecto a nós. Mas o acto amoroso não começa senão depois dessa excitação, ou melhor, depois desse incitamento. O amor brota através da brecha criada pela flecha incitante do objecto e dirige-se activamente para ele: caminha, pois, em sentido inverso ao de todo o incitamento e desejo. Vai do amante ao amado — de mim ao outro — em direcção centrífuga. Este carácter de movimentação psíquico, de perseguição de um objecto, esta contínua e íntima marcha do nosso ser em direcção ao próximo, é essencial ao amor e ao ódio. Já veremos em que se diferenciam ambos. Não se trata, no entanto, de um movimento físico em direcção ao amado, de um esforço de aproximação e convivência exterior. Todos estes actos exteriores nascem, seguramente, do amor como efeitos seus, mas não nos interessam para a sua definição, e devemos eliminá-los por completo deste ensaio. Tudo o que disser referir-se-á ao acto amoroso na sua intimidade psíquica, enquanto processo espiritual.

Não podemos seguir o Deus que amamos com as pernas do corpo e, todavia, amá-Lo é caminhar na Sua direcção. No amor abandonamos a tranquilidade e estabilidade que existiam dentro de nós, e emigramos virtualmente para o objecto. E este emigrar constante é amar.

O acto de pensar e o acto da vontade são — como é sabido — instantâneos. Tardaremos mais ou menos em prepará-los, mas a sua execução é imediata: acontece num abrir e fechar de olhos, são actos pontuais. Entendo uma frase, se a entendo, repentina e instantaneamente. O amor, pelo contrário, prolonga-se no tempo: não amamos numa série de instantes súbitos, de pontos que